

Dança na mídia: a influência televisiva na formação de crianças e adolescentes

Lauro Almeida de Moraes¹, lauroalm@pop.com.br; **Janaina Barbosa Lacerda**²

1. Instituto de Educação Superior São Francisco de Assis de Teófilo Otoni (Iesfato), MG; bacharel em Comunicação Social pela Universidade Vale do Rio Doce (Univale), Governador Valadares, MG.
2. Graduanda em Educação Física pelo Centro Universitário de Caratinga (Unec), MG.

RESUMO: Os meios de comunicação tornaram-se referência no mundo contemporâneo, instâncias que garantem visibilidade, criam e reforçam determinadas posturas. Assim, tendo como objeto a dança, este artigo aborda a influência da mídia, em particular da televisão, no comportamento de crianças e adolescentes. No contexto atual, de erotização da expressão artística da dança pela comunicação de massa, a conscientização e a valorização do pensar e do agir consciente são imperativos para a formação de indivíduos autônomos, capazes de julgar e de decidir mediante os produtos da cultura de massa.

Palavras-chave: dança, mídia, televisão, criança, adolescente.

RESUMEN: **Danza en la medios de comunicación: la influencia de la televisión en la formación de los niños y adolescentes.** Los medios de comunicación son ahora referencia en el mundo contemporáneo, instancias que garanten visibilidad, crían y refuerzan determinadas posturas. Así, teniendo como objeto la danza, este artículo aborda la influencia de los medios de comunicación , en

particular la televisión, en el comportamiento de los niños y adolescentes. En el contexto actual, de la sexualidad en la expresión artística de la danza por la comunicación en masa, la tomada de conciencia y la valorización del pensar y de actuar consiente son imperativos para la formación de individuos autónomos, capaces de juzgar y de decidir mediante los productos de la cultura de masa

Palabras llaves: danza, medios de comunicación, televisión, niños, adolescentes.

ABSTRACT: Dance in the media: the television influence in the formation of children and teenagers. The means of communication became reference in the contemporary world, instances which guarantee visibility, create and reinforce determined postures. Thus, having as object the dance, this article approaches the influence of the media, particularly, of the television, in the behavior of children and teenagers. In the present context, of erotization of the artistic expression of the dances by the mass media, the awareness and the valorization of the conscious thought and action for the formation of autonomous individuals able to judge and decide by the products of the mass culture.

Keywords: dances, media, television, child, teenager.

Introdução

A comunicação é um instrumento mobilizador e viabilizador de consenso. Segundo Rodrigues (2002), sobretudo na modernidade, a mídia tornou-se o principal referencial de mundo, em que as pessoas buscam parâmetros de valores e comportamentos. Na concepção do autor, a mídia apreende em si toda a experiência da vida contemporânea. Deste modo, os indivíduos são, cada vez mais, educados e formados pelos meios de comunicação, pois neles conhecem e reconhecem boa parte do seu mundo.

Como aponta Bucci (1997), no Brasil, a televisão é a vitrine central em que se dá esse processo. Tanto a vida pública quanto a vida privada brasileira se alimenta da TV.

O espaço público no Brasil começa e termina nos limites postos pela televisão. (...) O que é invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro. O que não foi iluminado pelo jorro multicolorido dos monitores ainda não foi integrado a ele. (...) É pela TV que as crianças ingressam no mundo do consumo, aprendendo a desejar mercadorias. É por ela que os adolescentes aprendem a namorar, que as donas-de-casa descobrem como decorar a sala. A televisão consolida, com suas novelas, seus noticiários e seus programas de auditório, os trejeitos e gestos dos apaixonados nas cidades do interior, o modo de vestir, de olhar ou não olhar para o vizinho (BUCCI; 1997, p. 11-12).

O autor apresenta dados de algumas pesquisas, realizadas pelo Ibope e pela agência publicitária McCann-Ericson em meados da década de 1990, que apontam a criança como uma espectadora assídua. Conforme os levantamentos, crianças da classe média paulistana dedicam três horas diárias a programas de TV e preferem conteúdos produzidos para o público adulto. Todavia, no que diz respeito à programação televisiva brasileira, Bucci (1997) assinala que se impõe a baixa qualidade, contribuindo para a formação de uma sociedade pouco crítica e, por conseguinte, mais sujeita à cultura de massa. Em especial no tratamento da dança, foco desta abordagem, percebe-se a prevalência de danças erotizadas e pornográficas, que o próprio modo de exploração dos meios de comunicação evidencia serem estas componentes importantes para o aumento dos índices de audiência. Até mesmo crianças e adolescentes têm sido alvo dessas manifestações midiáticas, passando a reproduzir, precocemente, comportamentos adultos. Assim, por estarem em processo de formação, absorvem tais comportamentos e demais modismos e fetiches do mundo moderno pelo simples observar do mundo-mídia. Nesse sentido, Bennet apud Sborquia e Gallardo (2002, p. 109) confirma a tendência apresentada por Bucci (1997). Ele "(...) estima que em média, dos dois aos onze anos, o consumo de TV varie em torno das 28 horas semanais. Dessa forma, não se surpreende que uma criança, em média, gaste mais tempo vendo TV do que fazendo qualquer outra atividade" (apud SBORQUIA; GALLARDO, 2002, p. 109).

Portanto, faz-se necessário um olhar analítico e reflexivo sobre a influência da televisão na formação dos indivíduos, principalmente envolvendo os pais e as escolas, para que se desenvolvam formas de melhor compreensão e inserção das crianças e adolescentes na realidade em que estão imersas. Assim, Nanni, citando Paulo Freire, diz que "o homem chegará a ser sujeito através de seu ambiente concreto: quanto mais ele reflete sobre a realidade, sobre a sua

própria situação concreta, mais se torna progressivo e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la" (1998a, p. 6).

I – Por que falar de televisão?

Conforme Sborquia e Gallardo (2002), a televisão apresenta uma realidade já pronta, guiada por interesses meramente mercadológicos e não artísticos. Desta forma, vale ressaltar a concepção frankfurtiana de *indústria cultural*, a qual delinea que os produtos midiáticos são planejados racional e tecnologicamente com um único e previsível fim: o consumo. Conforme defendem Horkheimer e Adorno (2000), o que a indústria cultural oferece de novo não é nada mais que a representação, sob formas diferentes, de algo sempre igual, ou seja, muda apenas a embalagem das "mercadorias". Tal operação justifica-se tendo em vista que produtos padronizados tornam-se mais familiares, mais acessíveis e, conseqüentemente, mais consumíveis. Nesta perspectiva, a novidade, o diferente, o artístico operam fora da lógica do sistema, pois não potencializam sua eficácia produtiva e mercadológica. E de acordo com Horkheimer e Adorno, "quanto mais sólidas se tornam as posições da indústria cultural, tanto mais brutalmente esta pode agir sobre as necessidades dos consumidores, produzi-las, guiá-las e discipliná-las (...)" (2000).

Mais especificamente em relação à TV, Betti (1998) também nota este poderio midiático e assume uma posição bastante crítica. Para definir os mecanismos fundamentais sob os quais opera a programação televisiva, o autor utiliza o conceito de espetacularização, cunhado por Debord (1997) e que em seu sentido original significa, essencialmente, a substituição do real pela representação, a transformação da realidade pela mediação. Assim, o espetáculo é a afirmação da aparência em todos os sentidos da existência social humana e, portanto, a negação da própria vida. Nesta perspectiva, a televisão é um instrumento do "mundo" espetacular, que exerce um poder alienante por meio da *tiranía das imagens*.

A televisão busca fascinar os interesses das pessoas e, para isso, mexe com elementos do inconsciente psíquico, recalques, desejos, fantasias, sem, contudo, levar a experiências e vivências reais, mas, sim, indiscretas: vive-se a emoção dos outros. Mediante a lógica da espetacularização dos acontecimentos, a televisão neutraliza a dramaticidade e a subversão das ações reais (BETTI, 1998, p. 37).

Este poder simbólico da televisão também é destacado por Bucci (1997). Segundo o autor, embora exiba obras de arte, a TV não é uma arte. Ela não possui existência como obra, que possa ser descrita e contemplada. A televisão se define tão somente como um fator de integração, principalmente no Brasil. Na análise de Bucci (1997), cada telespectador diante da TV torna-se um pouco do que ela é. Por isso, os indivíduos ficam tão expostos, submetidos e, mesmo assim, gostam do que vêem.

II – A dança na mídia: além do limite da vulgaridade

Segundo Betti (1998), as danças veiculadas pela mídia têm sido reproduzidas sem análises e contextualizações, estimulando abertamente a erotização infantil. Basta sintonizar a TV Record nas tardes de sábado para constatar tal afirmativa. Recentemente, em um dos quadros infantis do **Programa Raul Gil**, crianças participaram de um concurso em que tinham de imitar os componentes do **É o tchan**. A iniciativa teve sucesso. Diversas versões pueris do grupo baiano se apresentaram. As crianças vencedoras formaram um grupo chamado **Mulecada**, que hoje tem suas próprias canções e coreografias, mas, notoriamente, apresenta-se com gestos sensuais. Uma tendência que Valadares apud Sborquia e Gallardo (2002) afirma já não ser mais novidade para o público.

Crianças de todas as faixas etárias têm participado de programas na televisão em competições de dança que têm por proposta imitar personalidades e ícones do mundo adulto. Com efeito, a maioria das apresentações reproduz danças erotizadas e pornográficas. O conceito de ambas é bem próximo. Sborquia e Gallardo (2002) definem dança erotizada como uma representação explícita da cópula, utilizando movimentos que provocam a sexualidade. A dança pornográfica, por sua vez, é a que tem objetivo de imitar o ato sexual com intenção de provocar excitação. Na concepção dos autores, tanto uma quanto a outra são danças orgiásticas que dão asas à fantasia do ser humano, manifestações que a sociedade moderna tende a ver como normais e os veículos de comunicação têm tornado ainda mais rotineiras. Seguindo pelo raciocínio que alia a produção midiática ao espetáculo, Betti (1998) ressalta o papel antipedagógico da televisão no estágio atual.

A televisão confunde realidade e imagem, e contribui para a “perversão da formação” ao dispensar a mediação conceitual, mesmo a da fala, que se torna simples acessório das imagens. A linguagem-imagem da televisão compõe-se de estereótipos que despertam e representam as imagens do inconsciente do telespectador, e assim demonstram como devem comportar-se de acordo com os desejos do sistema (BETTI, 1998, p. 37-38).

Betti entende que essa televisão descomprometida com o desenvolvimento sócio-cultural dos indivíduos tem conseqüências ainda mais graves em se tratando do universo infanto-juvenil. Implicações muitas vezes corroboradas pelos próprios pais que negam às crianças espaços lúdicos, substituindo-os pela comodidade e segurança televisiva, o que acaba submetendo-as às mais diversas programações sem qualquer filtragem. O autor pondera que essa prática tem conduzido crianças a uma teledependência, cujos prejuízos são: “redução das oportunidades de entrelaçar os vínculos familiares e chegar assim à compreensão de si mesma; desfavorecimento do desenvolvimento verbal; não construção à descoberta das próprias potencialidades e debilidades” (1998, p. 38).

A conjuntura torna-se mais inquietante ao voltar o olhar para o foco desta abordagem. Conforme já foi elucidado, como brincadeira infantil, adolescentes e crianças têm repetido canções e danças que, em sua maioria, propagam o ato sexual. A partir do momento em que as conseqüências atingem a estrutura psicossocial dos indivíduos em processo de formação, tal circunstância também reflete negativamente na estrutura social como um todo.

(...) em nome da maior liberdade com o corpo, nossas crianças estão tendo o direito à infância roubada. Esta situação de sensualização precoce provoca aumento de ansiedade nos pais, estimula a violência sexual infantil, iniciação sexual precoce, a pedofilia e, nas classes baixas, a prostituição infantil (CEZIMBRA apud SBORQUIA; GALLARDO; 2002, p. 109).

Sarmatz, em reportagem publicada na revista da Editora Abril *Superinteressante* abordando o tema pedofilia, trabalhou a idéia de que há mais de duas décadas a civilização ocidental vive uma paixão idólatra pela infância, o que faz de todos um pouco pedófilos. Segundo ele,

não é preciso colocar a humanidade no divã para perceber essa verdade incontornável. Estamos cercados por imagens que nos tornam presas - muitas vezes inconscientes - do poder libidinoso da infância e da puberdade (2002, p. 46).

E o repórter conclui a matéria com a seguinte advertência:

(...) deveríamos olhar para o que está passando na TV e o que sai nas revistas e perceber que provavelmente estamos há bastante tempo fomentando o erotismo infantil. Mesmo sem termos consciência disso (2002, p. 46).

Como protótipo da vulgarização do sexo no universo infanto-juvenil por meio dos meios de comunicação, Sborquia e Gallardo (2002) citam o estilo funk. Adolescentes esperam ansiosos o fim de semana para irem ao baile, no qual reproduzem danças, gestos e posições que mais parecem provocações sexuais, embalados por músicas com bordões de duplo sentido, repetidos diversas vezes nas músicas, tais como:

“Um tapinha não dói”, “vou te jogar na cama e te dar muita pressão”, “entra e sai, na porta da frente e na porta de trás”, “vou passar cerol na mão”, “martela o martelão”, “vem aqui com seu tigrão”, acompanhados de uma classificação das mulheres em: “cachorra”, “preparada”, “poposuda” têm levado a sociedade a um comportamento hedonista, ou seja, a busca incessante de prazer momentâneo, mesmo que seja a qualquer preço” (SBORQUIA; GALLARDO, 2002, p. 112).

Sborquia e Gallardo (2002) afirmam que estas canções, seguidas de suas danças, não possuem qualquer sentido cultural, ou seja, o objetivo não é propagar a arte, mas apenas atender a interesses mercadológicos. Vale ressaltar que Morin (1975) identifica a exploração do sexo como um dos mitos modernos da cultura de massa. Mito que ele denomina **o eros cotidiano**, pois compreende que o capitalismo tenta domesticar o instinto dos indivíduos, definir o padrão estético, determinar o comportamento sexual, que horas e como se excitar. O autor assevera que a cultura de massa é fundamentada no mercado, no consumo e na libidinagem. Por isso, a mercadoria moderna tende a se envolver em *sex-appeal*.

III – Dança educativa: uma proposta pedagógica e humanizada

Laban assinala que a dança como proposta educativa “é o efeito benéfico da atividade criadora da criança sobre a personalidade e não a produção de danças sensacionais” (1990, p. 20). O autor é pioneiro no pensamento da dança educativa e dedicou sua vida ao estudo do movimento humano, procurando resgatar a espontaneidade dos indivíduos pela dança. Segundo Scarpato, “sua proposta de dança não considera apenas a graciosidade, beleza das linhas e leveza dos movimentos, mas a liberdade que possibilita ao homem se expor por seus movimentos e encontrar a auto-suficiência no próprio corpo” (2001).

Na mesma perspectiva de Laban (1990), Nanni (1998a) também discorre sobre dança educativa e relata que, nesta concepção, o movimento tem

caráter puramente emocional, pois o indivíduo desempenha movimentos intencionais, coordenando, durante a performance, relações internas e desenvolvendo domínios psicomotores, cognitivos e sócio-afetivos. Assim, a dança educativa toma por base movimentos que são naturais ao homem, como: andar, correr, saltar, equilibrar, levantar, pular, transportar, girar. A idéia é propiciar a educação do movimento através de técnicas, das mais simples as mais complexas, verificando o grau de importância que a dança exerce como estímulo à criatividade e espontaneidade da criança. Nanni (1998a, 132) ressalta, ainda, que “a dança educativa deverá objetivar como essência à síntese dos objetos ensino-aprendizagem, o de resgatar valores culturais do nosso povo, desenvolver e aprimorar o senso estético, servir de lazer pela atividade lúdica e prazerosa” (1998a, p. 132). Reforçando este conceito, os Parâmetros Curriculares Nacionais do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE (1996) preconizam que é fundamental fazer uma clara distinção entre os objetivos do esporte, da dança, da ginástica e das lutas profissionais em relação ao processo educacional na área desportiva, pois, embora seja uma referência, o profissionalismo não pode ser a meta almejada pela escola.

Portanto, o ensino da dança educativa não pretende reproduzir funções ou movimentos e sim possibilitar a criatividade, despertando novas formas, espaços, respeitando a individualidade e superando limites. A partir disso, formam-se condições para que o indivíduo, sobretudo em processo de formação, possa enfrentar novos desafios no decorrer da vida. Verderi (1998) afirma que a prática da dança permite que a criança evolua em relação à percepção e ao controle corporal, fazendo com que ela descubra formas originais de movimentação no espaço. Conseqüentemente, defende o autor, melhora sua inserção na realidade social. Entretanto, o que tem feito a sociedade contemporânea? Como foi observado, nota-se a predominância da televisão e seus estereótipos na formação sócio-cultural da população infanto-juvenil.

O público mais prejudicado com as informações veiculadas pela mídia é o das crianças, que antes de ter estabelecido valores que concorrerão para a formação de sua personalidade são atingidas precocemente por tais informações e isso viabiliza a internalização e a perturbação de valores, dominando e direcionando o inconsciente desses indivíduos, que crescem com valores neoliberais, de consumo exacerbado e de corpos estereotipados, que são vendidos nos filmes, novelas, desenhos, revistas e, sobretudo comerciais (MEDEIROS apud ARAGÃO; TORRES; CARDOSO, 2001, 121).

Considerações finais

A televisão tornou-se uma escola paralela. No entanto, nos moldes atuais, é necessário intervenção pedagógica que impeça a formação do que McLuhan (1993) denomina *servomecanismos*, em que a tecnologia torna o indivíduo Narciso da consciência e do adormecimento. A deturpação do universo infantil é uma realidade na mídia, sobretudo na TV, em que crianças e adolescentes reproduzem comportamentos adultos. Todavia, o artigo 227 da Constituição Federal é taxativo:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão (BRASIL; 1988, cap.VII)

Retomando, então, a discussão central deste artigo, faz-se necessário que o ensino da dança não apenas seja incentivado nas escolas, mas integre o conhecimento intelectual e a criatividade. Ademais, conforme apontam Aragão, Torres e Cardoso (2001), a qualidade da intervenção depende também de transformações não somente no conceito de aprendizagem como no de alteridade, para que se compreenda o ser humano em sua totalidade, tanto nos limites quanto nas possibilidades, através da consciência corporal, favorecendo a compreensão sociocultural e a relação dialética do eu com o outro em espaços coletivos. Assim, contribui-se para a formação do indivíduo segundo o conceito *biopsicosóciofilosófico*, levando o aluno a uma *ação-sensação-reflexão* a partir dos quatro pilares básicos da educação: *aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conhecer e aprender a viver juntos* (DELORS apud SCARPATO, 2001). Tendo como base estes preceitos é que Scarpato (2001) também defende a proposta de ensino da dança educativa no âmbito escolar. A partir desta ferramenta artística, cultural, estética e, sobretudo, pedagógica e filosófica, cria-se um contraponto às expressões midiáticas, massificadas principalmente pela televisão, conforme assinalado neste trabalho, exatamente pela dança educativa possibilita ao educando em diversos aspectos, como aprendizagem, comunicação, respeito, compromisso, cidadania, socialização, responsabilidade, senso crítico, livre expressão, autonomia e cooperação.

Referências bibliográficas

ARAGÃO, Marta; TORRES, Alessandra; CARDOSO, Cíntia. Consciência corporal: uma concepção filosófico-pedagógica de apreensão do movimento. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**. Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 22, n. 2, 2001, p.115-131.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papyrus, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988. Cap. VII. Art. 227.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: ADORNO, Theodor W. et al. **Teoria da cultura de massa**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1996.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose. Rio de Janeiro: Forense, 1975.

NANNI, Dionísia. **Dança-educação**: princípios, métodos e técnicas. Rio de Janeiro: Sprint, 1998a.

_____. **Dança-educação**: da pré-escola a universidade. Rio de Janeiro: Sprint, 1998b.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura**: a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Presença, 1994.

_____. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: **O jornal – da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: Editora Unb, 2002.

SARMATZ, Leandro. Inocência roubada. **Superinteressante**. São Paulo, ed. 176, p. 38-46, maio 2002.

SBORQUIA, Silvia; GALLARDO, Jorge. As danças na mídia e as danças na escola. In: **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 23, n. 2, 2002, p.105-118.

SCARPATO, Marta Thiago. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Caderno CEDES**. São Paulo, v. 21, n. 53, abr. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 15 abr. 2005.

VERDERI, Érica Beatriz Lemes Pimentel. **Dança na escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.